

As Novas Transformações Sociais

A Pnad nos permite traçar um retrato amplo das mudanças observadas na vida dos brasileiros. O IBGE disponibiliza as bases de dados ao público, permitindo a qualquer um replicar e desenvolver análises. Na última Pnad, o crescimento da renda média foi de 8% em termos reais, isto é, já descontada a inflação. Complementar a análise de crescimento das contas nacionais com pesquisas domiciliares como a Pnad é a primeira recomendação da comissão de notáveis comandada pelos ganhadores de prêmio Nobel Joseph Stiglitz e Amartya Sen sobre como medir o progresso das sociedades. Na grande maioria dos países, o PIB cresce mais que a renda das pessoas nas pesquisas domiciliares. No Brasil, tem ocorrido o oposto nos últimos 10 anos, com uma diferença de 24 pontos de porcentagem para a renda média das pessoas¹.

A distribuição dos frutos do crescimento entre brasileiros também pode ser vista na Pnad. Entre 2003 e 2012, a renda mediana – aquela do brasileiro típico, o João ou a Maria bem no meio da população se esta for ordenada do mais pobre ao mais rico – subiu 78%. Supera os 52% da renda média, em que o crescimento das maiores rendas pesa mais, e os 28% do PIB per capita. O maior crescimento foi o dos 10% mais pobres, cuja renda subiu 106%, sempre medindo em termos reais por pessoa, ou seja, descontando a inflação e o crescimento populacional. A desigualdade, que cai há pouco mais de dez anos no Brasil, sobe em dois terços dos países do mundo segundo a Unesco. Hoje temos o menor nível de desigualdade da nossa História estatisticamente documentada. E a desigualdade segue em queda.

Na última Pnad, a extrema pobreza caiu 16%, velocidade cinco vezes mais rápida que a da proposta nas metas do milênio da ONU do qual o Brasil é signatário. Metade desta superação da pobreza se deve ao crescimento da renda média e a outra metade, à redução da desigualdade entre as pessoas. É o que pode ser chamado de caminho do meio. Um caso raro.

A Pnad traça um retrato completo da renda dos brasileiros em suas casas, mas apenas até 2012. A PME permite acompanhar a continuidade do processo de crescimento com redução de desigualdade até março último, nas principais regiões metropolitanas do país, pela renda do trabalho, formal ou informal, de todos os membros do domicílio. A mediana da renda real per capita, aquela do brasileiro típico, subiu 7% nos últimos 12 meses e 18% nos últimos 3 anos. A chance de cada brasileiro melhorar de vida nunca foi tão alta nas séries estatísticas. Há dez anos, 16 em cada 100 brasileiros cruzavam de baixo para cima a linha mediana histórica da pesquisa, que acompanha as mesmas pessoas por vários meses. Hoje, 27 em cada 100 brasileiros vivenciam essa ascensão. O sonho brasileiro de melhorar a vida da família nunca foi tão real.

Contribui para o expressivo resultado trabalhista uma série de programas lançados nos últimos anos, como o Microempreendedor Individual (MEI) e o Crescer, que favorecem a formalização

e o crédito microempresarial. Os ganhos reais do salário mínimo e o Pronatec, por sua vez, impulsionam a renda dos trabalhadores em geral.

Três quartos do avanço de renda recente devem-se à expansão do mercado de trabalho. O Brasil é uma economia em que o mercado de trabalho supera em muito o crescimento do PIB. Mas não é só a renda do trabalho: a renda da previdência sobe 14% por brasileiro em termos reais desde janeiro de 2011, e a do Bolsa Família, 41%, sem contar ainda o reajuste de 10% anunciado anteontem. Estes dados denotam a importância que o Brasil tem conferido aos mais pobres. Só no meu mandato, até agora, 22 milhões de brasileiros deixaram a pobreza extrema. O desafio de superação da miséria lançado pelo Brasil em 2011 tem inspirado as novas metas do milênio da ONU, que propõe o mesmo objetivo em escala global para 2030.

O fim da miséria é apenas o começo, cerca de 42 milhões de brasileiros ascenderam à nova classe média nos últimos 10 anos e 52 milhões de pessoas – mais do que a população da Espanha – ingressaram nas classes médias e mais altas. Há um novo salto de qualidade e as pessoas que já subiram começam a subir mais chegam a lugares mais altos. Na cena brasileira recente, o consumo é resultado e coadjuvante. O verdadeiro protagonista é o trabalhador brasileiro. O grande símbolo da nova classe média brasileira não é o carro ou o cartão de crédito, mas a carteira de trabalho. Foram criadas 4,8 milhões de novas carteiras de trabalho apenas nos últimos três anos.

Alguns se enganam dizendo sempre que o avanço brasileiro não seria sustentado, ignorando a profundidade estrutural das mudanças empreendidas. De acordo com o Ipea e o Pnud, a proporção de municípios com Índice de Desenvolvimento Humano muito baixo cai de 41% para 0,6% entre os dois últimos censos. Neste ínterim, a mortalidade infantil cai 47% no Brasil e 56% no Nordeste. O futuro de brasileirinhos com mais perspectiva de vida longa e saudável não é o único sinal de durabilidade das transformações recentes. A educação brasileira, minha prioridade pessoal, também tem avançado, em quantidade e qualidade. O desempenho em matemática tem muito a melhorar, mas o dos brasileiros foi o que mais cresceu em testes padronizados com jovens de todo o mundo. Embora o retrato atual de nossa sociedade aponte ainda inúmeros problemas e desafios, o filme dos últimos anos da família brasileira revela uma grande transformação social no país.

De maneira geral, o Brasil dos brasileiros em suas casas tem melhorado mais que o Brasil dos economistas. Além da citada conjunção de melhora de indicadores de prosperidade, igualdade e sustentabilidade, o brasileiro tem reportado também um alto grau de felicidade. Numa escala de 0 a 10, a nota dada pelos brasileiros para sua vida é 7, o que coloca o povo brasileiro com a 18ª mais alta satisfação com a vida entre 160 países do mundo. É o social, companheiros!

ⁱ Neste período, o deflator implícito do PIB cresce 24 pontos acima do IPCA. Ou seja, em termos nominais, o PIB cresce à mesma taxa que a renda da PNAD.